

O JAZZ E A MODA NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES

THE JAZZ AND THE FASHION IN BRAZIL: SOME REFLECTIONS

Fernanda Ribeiro¹
Claudia Schemes²

RESUMO

Este artigo tem como temática principal as relações existentes entre o estilo musical do *jazz*, a moda dos anos 1920 e a moda brasileira atual. Procuramos analisar a moda além da questão material e da produção do vestuário, relacionando-a, principalmente, com a música. Nossos objetivos são resgatar a história do *jazz* e da moda dos anos 20; relacionar o *jazz* com a moda dos anos 20; comparar a moda atual com a moda dos anos 20 e, por fim, identificar e analisar a indumentária dos músicos de *jazz* em Porto Alegre. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo.

Palavras-Chave: *Jazz*. Moda. 1920.

ABSTRACT

This article analyses the relationship between the music style, the 1920's fashion style and the Brazilian current fashion trends. We tried to analyse the fashion styles beyond their material and production costs and relate them mainly with music. The aims are to review 's history and the 1920's fashion style, to compare the current fashion trends with the 1920's style and, finally, to identify and analyse the attire of the musicians in Porto Alegre. The methodology used was bibliography review and field research.

Keywords: Jazz. Fashion. 1920's.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática as influências do e da moda dos anos 20 na moda atual e nos músicos de *jazz* de Porto Alegre no século XXI.

Nosso problema de pesquisa é: o estilo musical do *jazz* e a moda dos anos 20 influenciaram a moda atual e os músicos de *jazz* de Porto Alegre? Temos como hipótese que, se o *jazz* e a moda dos anos 20 influenciam a moda atual, então, os músicos de *jazz* de Porto Alegre também sofreram essa influência.

¹ Bacharel em Design de Moda e Tecnologia e produtora de moda. E-mail: fernandaribeiro77@hotmail.com.

² Doutora em História. Professora dos cursos de História e Moda. Pesquisadora do grupo História e Memória da Comunidade da Universidade Feevale. E-mail: claudias@feevale.br.

Essa temática se justifica na medida em que essa área de estudo ainda é explorada de maneira restrita, além do fato de o *jazz* ser um estilo musical consagrado mundialmente e que teve grande importância e influência na moda, principalmente nos anos 20, sendo considerados, inclusive, como a “era do *jazz*”.

Este estudo ainda contribui no sentido de que outorga o significado da moda como além da questão material e de produção de vestuário e que busca relacionar o fenômeno da moda às questões sociais e de caracterização de um grupo ou uma cultura. Concordando com o sentido de moda como “[...] um elemento que reflete as transformações socioculturais da sociedade, [...] revela hábitos, comportamento, posições sociais e gostos de uma determinada época” (RAINHO, 2002, p. 12).

Em outras palavras, “[...] moda não é simples vestimenta. Ela é o signo das formas de expressão que se mostram também em outros domínios” (NERY, 2003, p. 9). Portanto, o modo de vestir, ou a indumentária³ dos músicos do *estã*o inseridos nesse conceito mais amplo de moda como forma de comunicação e manifestação cultural.

Conforme Lurie (1997), por milhares de anos, os seres humanos têm se comunicado através da sua vestimenta. Para a autora, antes de se aproximar de uma pessoa na rua, ou em uma festa, você comunica seu sexo, sua idade e classe social através do que está vestindo e fornece uma informação. Esta pode ser falsa ou verdadeira, em relação ao seu trabalho, à origem, personalidade, a opiniões, gostos, desejos sexuais e até humor daquele momento.

Partindo dessas concepções, os objetivos deste artigo são: resgatar brevemente a história do *jazz* e da moda dos anos 20; relacionar o *jazz* com a moda dos anos 20; comparar a moda atual com a moda dos anos 20 e, por fim, identificar e analisar a indumentária dos músicos de *jazz* em Porto Alegre.

A metodologia de pesquisa utilizada, quanto aos objetivos, será exploratória, pois buscaremos todas as informações que consideramos importantes sobre o assunto, para facilitar a delimitação temática, definir objetivos e formular problemas e hipóteses de trabalho. Quanto ao objeto, será uma pesquisa bibliográfica, na qual utilizaremos principalmente livros e *sites* sobre a história do *jazz* e a história da moda. Finalmente, utilizamos uma pesquisa de campo, na qual efetuamos entrevistas com músicos de *jazz* de uma banda de Porto Alegre.

³ Entendemos indumentária como “conjunto de roupas usadas pela humanidade em vários períodos da história”, ou seja, é todo o vestuário em relação a uma determinada época e povo. Disponível em: <http://manequim.abril.com.br/moda/dicionario-da-moda/?bl_=i>. Acesso em: 12 abr. 2010.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO JAZZ

Acredita-se que a criação do *jazz* se deu por volta do século XIX e teve como base a musicalidade dos escravos, pois suas primeiras influências vêm dos tambores tribais e das práticas musicais africanas, sendo que essas sonoridades foram trazidas pelos negros da África para os Estados Unidos.

Os escravos possuíam dois tipos de canto de trabalho: o espiritual e o do campo, que influenciaram na cultura da época, criando um novo modo de comunicação e expressão de sentimentos. Assim que os negros estadunidenses foram convertidos ao cristianismo pelos seus senhores brancos da América, é possível estabelecer um paralelo com a história de sofrimento dos hebreus, incorporando em suas músicas o *gospel* e, mais tarde, o *blues* (AGUIAR, 2001).

Rodrigues (1999) explica da seguinte forma esse paralelo:

A população negra valorizou e integrou sobretudo a mensagem do Antigo Testamento havendo freqüentes referências ao paralelo entre o sofrimento em cativeiro do povo hebreu na terra da servidão (Egito) com a situação de escravatura e extrema pobreza em que os negros viviam. Esta identificação dos negros com o povo hebreu é bem evidente nas referências à música religiosa, cantada pelos negros (espiritual e *gospel*) [...] (RODRIGUES, 1999, p. 53).

A Igreja foi a disseminadora desse fenômeno chamado *jazz*, sendo que a incorporação de toda essa musicalidade era livremente expressa dentro dela. No final do século XIX, com o processo abolicionista norte-americano já consolidado, os ex-cativos eram vistos nas capelas professando sua fé e expressando a liberdade e o sentimento através da música espontânea e improvisada.

A língua inglesa foi a base do discurso e da canção negra nos Estados Unidos, sendo o ramo da poesia popular desde as baladas escocesas. Muito da música dos colonizadores brancos e pobres do sul acabou fornecendo subsídio para a criação do *jazz* (HOBSBAWM, 2008).

Conforme Aguiar (2001), a forma mais importante de expressão da música afro-americana eram as manifestações religiosas, na maioria das vezes, ouvidas por plateias

brancas, o que hoje é conhecido como música *gospel* e se constitui como um reflexo da importante carga emocional e rítmica dessas manifestações primordiais.

Desse modo, os pastores evangélicos aproveitaram os escravos para trabalhar na cristianização do povo e, com a aceitação da doutrina cristã pelos escravos, estes inovaram e acrescentaram às melodias religiosas características harmônicas e rítmicas junto com o balanço da música negra.

Para Hobsbawm (2008), desde o começo, o *jazz* falava sobre liberdade, movimento e expressão individual. O seu rompimento com a música tradicional e a ênfase no improvisado e na inovação colocou-o como cenário das alterações culturais e como influência na cultura internacional atual.

Rodrigues (1999) explica como as melodias religiosas foram incorporadas aos cultos dos negros norte-americanos:

À medida que a leitura (da bíblia) progride, o pastor, apoiado pelas exclamações de aprovação dos crentes, começa a cantar a leitura bíblica numa frase melódica repetitiva que inclui o *blue note*⁴ [...]. O pastor seguido pela congregação canta o hino com um estilo bem diferente do que seria este hino cantado, por exemplo, em uma igreja católica (RODRIGUES, 1999, p. 55).

A herança musical misturou-se com a música local, gerando muito mais que um novo estilo, mas sim uma forma de expressão através da música. Dessa forma, ganhou peso cultural maior, considerando que a atividade musical entre os escravos era proibida na época.

O *jazz* teve seu começo nas ruas de New Orleans, que é a mais populosa cidade do Estado norte-americano de Louisiana. Caracteriza-se por ser uma cidade portuária povoada por brancos, afro-americanos, nativos americanos, asiáticos, islandeses do Pacífico, entre outros, configurando-se como um grande cadinho étnico (AGUIAR, 2001).

Nas ruas de New Orleans, ouviam-se sonoridades diferenciadas, como *blues*, *spirituals*⁵, *shouts*⁶, ritmos africanos, ópera, ritmos caribenhos, *folk songs*⁷ e *ragtime*⁸. No bairro boêmio de Storyville, onde a prostituição foi legalizada de 1897 a 1917, os pequenos

⁴ *Blue note* é a característica musical resultante de um caráter lamentatório à música negra, podendo considerar-se que tenha surgido como consequência da dureza do trabalho nos campos. Disponível em: <www.musicaeadoracao.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2010.

⁵ O *spiritual* é o nome que se dá à música cantada por um líder e respondida por um coro, como em canções folclóricas africanas. Disponível em: <http://vaimetocaumb Blues.blogspot.com>. Acesso em: 12 abr. 2010.

⁶ *Shout* ou dança sagrada dos negros. Disponível em: <www.musicaeadoracao.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2010.

⁷ *Folk Songs* é um tipo de música folclórica. Disponível em: <www.musicaeadoracao.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2010.

⁸ *Ragtime* é um ritmo semelhante ao ritmo de uma marcha de salão. Disponível em: <www.100anosdemusica.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2010.

bares, que receberam o nome de *honk tonks*, eram palco para que todos esses elementos musicais que circulavam na atmosfera altamente musical de New Orleans se cruzassem, e o *jazz* era apreciado abertamente, bem como no *Congo Square* – certamente o nome deve-se pela evidente alusão a uma das nações africanas que mais enviou cativos para os EUA – praça em que os escravos dançavam e cantavam (BERENDT, 1975).

O que se sabe, com relatos de músicos que tocaram e ouviram a música de New Orleans, é que o *jazz* da atualidade nada tem a ver com a música daquele período. Este, segundo esses relatos, era uma música diferente de qualquer das músicas que o influenciaram distinguindo-se pela linguagem instrumental, técnica, improvisação e também pelos temas originais (BERENDT, 1975).

Esse estilo pode ser denominado como *Traditional jazz* ou *New Orleans jazz*, pois foi nessa cidade que aconteceu o nascimento e a expansão da música que podemos escutar na atualidade. No início do século XX, a capital da Louisiana já possuía certos ares cosmopolitas, com grande circulação de pessoas de diferentes grupos étnicos, que podiam conviver e comunicar-se com relativa facilidade, o que desembocou no nascimento de uma nova e rica cultura musical, contendo elementos franceses, alemães, espanhóis, irlandeses e africanos (RODRIGUES, 1999).

Inicialmente, o *jazz* era ouvido em eventos sociais, como bailes, piqueniques, inaugurações, aniversários, casamentos e em desfiles fúnebres. Os músicos dessas bandas eram, em sua maioria, artesãos que se dedicavam à música em feriados e finais de semana para aumentar sua renda.

Levando em consideração essa diversidade de influências, é bastante difícil definir com exatidão o que é o ritmo musical denominado *jazz*, já que sua principal característica é a improvisação.

Uma linha de pensamento acerca desse tema, por exemplo, assevera que o *jazz* não se configura pelo que se toca, e sim pelo modo como é tocado (BERENDT, 1975).

Uma das variações do *jazz* mais conhecidas é o estilo musical denominado *blues*, que surgiu nos Estados Unidos no início do século XX, como um ritmo dos trabalhadores negros. O *blues*, no entanto, possuía maior liberdade harmônica nos acordes e eram canções tristes e sofridas, que lembravam os lamentos dos escravos no cativeiro, caracterizando-se por uma estrutura musical mais simples (RODRIGUES, 1999).

A definição dada pelo cantor Miles Davis sobre o *jazz* é uma das mais aceitas, dentre todas que podem ser encontradas na literatura a respeito desse tema. O cantor dizia que o *jazz* é uma música de quinze milhões de pessoas negras lamentando sua dor e que nasceu como

um código musical que procurava unir um povo dizimado, humilhado, explorado e, após a abolição, foi abandonado à sorte pelos antigos senhores brancos. Um povo que, apesar de tudo, precisava dançar, sorrir, relaxar, amar, experimentar e criar (BERENDT, 1975).

Apesar de a quase totalidade desse movimento musical ser composta por negros e mulatos, é certo que essa música, proveniente da fusão e síntese de tantas outras, chegou e entusiasmou membros da comunidade branca.

A primeira banda a gravar música que pode ser considerada como se chamava *Original Dixieland Band*, liderada por Nick LaRocca, que gravou em Chicago no ano de 1917 (RODRIGUES, 1999).

Observa-se, na imagem anterior, que a banda era composta por cinco músicos brancos e não era porque o estatuto social dos negros dificultasse o acesso às gravações dos músicos, estatuto este construído, sobretudo, dentro da comunidade negra e crioula de New Orleans, onde o que prevalecia eram músicos de cor. Portanto, o acesso a músicos de *jazz* brancos era maior nas cidades de Chicago e Nova York, tornando as gravações de mais fácil acesso, por isso, a primeira banda de *jazz* é de músicos brancos, pois eles tiveram mais oportunidades (RODRIGUES, 1999).

O problema do racismo sempre esteve presente nas bandas e músicos do *jazz*. Durante muitos anos, músicos brancos não tocavam com negros e, em orquestras negras, brancos não tocavam, mesmo com o progressivo sucesso desse ritmo. Louis Armstrong, por exemplo, tocou em Atlanta, no início dos anos 1940, num auditório em que brancos e negros estavam separados por uma rede de galinheiro. O mesmo cantor, considerado um dos maiores trompetistas do mundo, tinha sua presença recusada em casas de banho e hotéis.

Entretanto, se, por um lado, havia o problema do racismo, por outro, o *jazz* foi o precursor em melhorar a convivência entre culturas e etnias, de forma que brancos e negros por vezes subiam ao palco juntos, numa época em que negros não podiam sentar ao lado de um branco em um ônibus, por exemplo, ou não podiam entrar em restaurantes pela porta da frente.

1.2 AS INFLUÊNCIAS DO JAZZ E DOS ANOS 20 NA MODA DO SÉCULO XXI

A década de 20 ficou conhecida na história da moda como os “anos loucos”, pois esse período foi marcado por mudanças importantes em todas as áreas, mas principalmente na

moda, em que o funcionalismo, a simplificação e a utilidade eram palavras em voga à época. Os anos 1920 também ficaram conhecidos como a “Era do *jazz*”, já que esse estilo musical foi muito importante para a moda do período.

Foi uma década de prosperidade e liberdade, animada pelo som das *Jazz -Bands* e pelo charme das melindrosas, as mulheres modernas da época, que frequentavam os salões e traduziam em seu comportamento e modo de vestir o espírito da época (DORFLES, 1984).

A juventude daquele período tomou a novidade como inspiração, abertas a mudanças, as roupas deixaram de ser extravagantes, dando lugar a silhuetas largas, deixando o corpo mais solto e à mostra.

Depois da Primeira Guerra Mundial, a moda sofreu transformações importantes, trazendo à tona a juventude e sua euforia. As mulheres deixaram o espartilho e passaram a usar curvas retas, os vestidos eram mais curtos, os braços ficaram à mostra, tornando-se mais livres. Nesse contexto, as mulheres tornaram-se independentes e consumidoras ativas, podendo ter livre escolha e também a diversão obteve prioridade para a vida das pessoas, tornando a dança importante para a valorização da moda nessa época.

Os ritmos em evidência foram o *charleston*, o *foxtrot* e o *jazz*. Com isso, as roupas precisaram se adaptar à nova onda (BRAGA, 2004).

Uma personalidade marcante da época foi Josephine Baker, que adaptou um jeito inovador e excêntrico de dançar *jazz*, baseando-se nos movimentos do *Charleston*, vestida somente com uma pequena saia de penas ou bananas. Esse ritmo provém da cidade homônima da Caroline do Norte, tendo como base movimentos frenéticos (KONEMANN, 2000).

Os vestidos que as mulheres usavam na época eram mais curtos, leves e elegantes, com braços e costas à mostra para facilitar os movimentos. As meias eram em tons de bege, sugerindo pernas nuas e a atenção estava toda voltada aos tornozelos (DORFLES, 1984).

Historiadores da moda sugeriram várias explicações para o fenômeno dos anos 20. Alguns atribuíram à necessidade da espécie humana de manter seu número; para compensar a perda de população na Primeira Guerra Mundial. Segundo essa teoria, a moda feminina tinha de ser provocadora sexualmente para impulsionar o índice de natalidade (DORFLES, 1984, p. 87).

A silhueta curta e tubular da mulher tornou-se referência aos novos padrões artísticos em vigência na época, o movimento de *Art Déco*, privilegiando as formas geométricas, aspectos esses influenciadores não somente no vestuário, mas também nas joias, sendo que, nessa época, popularizou-se o uso de materiais semipreciosos.

A diferenciação social nessa época foi quase nula através das roupas, pois se uniformizou a indumentária da época com a aceitação do novo pelas mulheres. Diferenciava-se somente o preço pelo tecido nas peças utilizadas, assim, até a alta costura da época foi simplificada (BRAGA, 2004).

Na década de 1920, é impossível não citar uma das maiores estilistas existentes, Gabrielle “Coco” Chanel, que, com sua personalidade marcante, trouxe para as mulheres roupas elegantes e funcionais, mas sem perder a feminilidade.

Em 1926, criou o uniforme para as noites da nova mulher, que devia ser elegante e desportiva como um jovem, cortar os grandes caracóis e vestir saias com que pudessem saltar para um elétrico e dançar o *charleston* tratava-se de um vestido em crepe-da-china preto, que a edição americana da *Vogue*, por causa da sua funcionalidade democrática, definiu como o Ford da moda (KÖNEMANN, 1999, p. 103).

Segundo Dorfles (1984), os vestidos assemelhavam-se a sacos curtos, decotados e frequentemente sem mangas, já os chapéus encolheram, assumindo a forma de sinos apertados e as curvas desapareceram, pois se passou a admirar uma silhueta “de menino”, achatada tanto na frente quanto atrás, com pernas longas e finas.

As formas do vestuário pouco modificaram durante a década, entretanto os tecidos e as cores alteravam-se com frequência. A maquiagem destacou a mulher da época, com pó de arroz e batom vermelho nos lábios em forma de coração, com os cílios acentuados e o cabelo era curto na altura do queixo, com corte à *la garçonne* (BRAGA, 2004).

Em relação ao sexo masculino, segundo Dorfles (1984), o homem ideal da década de XX, através da publicidade e das ilustrações de revistas da época, era magro e mais jovem, com ombros mais estreitos e caídos, com nenhum ou pouco pelo no rosto. As roupas deixaram de ser desenhadas para ostentar, e sim com material mais leve, em cores sóbrias. Os paletós eram mais curtos e ombros menos acolchoados.

No âmbito da alta-sociedade, a roupa desempenha um papel importante na expressão da cultura. Há uma roupa adequada para as atividades à tarde e outra para noite. Há trajes para o casamento e outros para recepção ao ar livre. Os homens usam um terno para os negócios e outro para jantar. Onde a civilização atingiu seu ponto mais alto, a moda atingiu seu desenvolvimento mais requintado (DORFLES, 1984, p. 135).

A moda masculina obteve algumas novidades, como o *smoking* para momentos formais, o uso do tecido príncipe de Gales, o colete cai de moda e surge o paletó com abotoamento duplo chamado jaquetão.

O corte das roupas, no início, era reto e com calças de cintura alta, mas, com o passar do tempo, foi descendo, tornando a silhueta masculina mais elegante.

Os fatos mais usados na década de 20 eram que combinavam calças e casaco de tecidos diferentes, mas condizentes, como por exemplo o fraque, solene fato de dia, composto por casaco preto com uma fila de botões, combinado com colete cinzento, uma gravata clara e calças às riscas, as chamadas calças de fantasia (KONEMANN, 2000, p. 27).

Ao longo da década, os casacos tornaram-se mais leves, acinturados e com pouco enchimento nos braços, mas, ao final da década, retornou a moda de homens mais fortes, trazendo assim de volta os enchimentos aos casacos. Havia também o vestuário desportivo inspirado no tênis, que consistia em calças brancas e camisola de malha, nunca sem camisa (KONEMANN, 2000).

Os cantores de *jazz* em geral se vestiam bem, pois o ato de transmitir a música era uma cerimônia, uma festa. Quando as pessoas se vestem para um compromisso mais formal, elas, via de regra, utilizam a melhor roupa do armário, então, até hoje, para esses músicos, o show é o ato de plenitude.

Os homens nunca saíam às ruas sem chapéu e também nunca usavam sobretudo sem luvas. Os sobretudos eram justos, com corte mais esportivo, e a lapela variava conforme a moda, podendo ser mais estreita ou larga, ou então se fechava mais abaixo ou acima. Essa peça de roupa, por vezes, tinha peles no forro ou na gola para aquecer e para acentuar a aparência de quem o usava (KONEMANN, 2000).

A moda masculina hoje retoma o bom gosto e a sofisticação de décadas passadas. O homem atual redescobre sua maneira de vestir, buscando versatilidade e elegância, o que nos remete ao estilo retrô da época do *jazz*.

Se observarmos o traje completo de Louis Armstrong e o traje completo de um homem na atualidade, como é ilustrado na foto abaixo, podemos perceber as semelhanças entre eles, ou seja, mesmo que não tenha sido uma influência direta, a moda alinhada dos anos 1920 e dos cantores de *jazz* pode ter influenciado a moda masculina de hoje.



Figura 1 – Traje completo de Louis Armstrong⁹

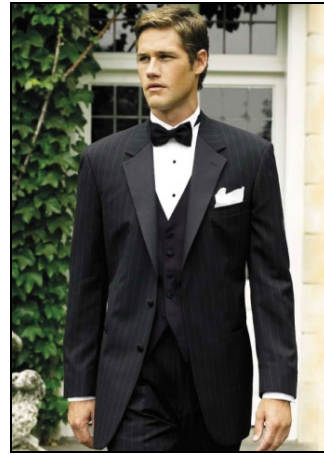


Figura 2 – Traje completo masculino (2010)¹⁰

Nos anos 1920, os vestidos encolheram e as mangas encurtaram, os tecidos tornaram-se mais leves, propiciando os movimentos das mulheres. No entanto, na atualidade, o *jazz* não influencia apenas a música instrumental, mas também a moda e muitas coleções são inspiradas na liberdade feminina dos anos 20, que é parecida com a liberdade da mulher do século XXI, ou seja, hoje a mulher também cumpre seus afazeres durante o dia e à noite vai a festas.

Uma inspiração na década de 20 pode ser encontrada nos vestidos nas ruas e nas passarelas, os quais também podem ter sido influenciados pela moda daquele período e pela indumentária das cantoras do *jazz*. Muitos estilistas releem os anos 20 trazendo transparências, cetim e brilho para os vestidos, decotes e mangas comportadas, tornando uma mulher sensual, porém sem cair na vulgaridade, numa retomada de valores de épocas passadas.

Outro elemento importante da indumentária dos anos 20 foi o chapéu feminino, que era chamado de *cloche*, pois tinha o formato de sino, era justo na cabeça e com pequenas abas caídas nas laterais, tornando-se marca registrada da época, conforme podemos ver na figura abaixo (BRAGA, 2004).

⁹ Disponível em: <<http://cyberextazy.files.wordpress.com>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

¹⁰ Disponível em: <www.sarnotux.com>. Acesso em: 12 abr. 2010.



Figura 3 – Chapéu feminino¹¹



Figura 4 – Chapéus usados na atualidade¹²

Na atualidade, o chapéu é usado tanto por homens quanto por mulheres, trazendo um estilo singular para quem o usa e podendo ser colocado com roupas de festa ou com *jeans* e camiseta, tornando-se um signo de diferenciação as mulheres de hoje.

Os adornos, ou casquetes, voltam às ruas e passarelas reformulados, contudo sem perder o referencial identitário dos “anos loucos” e das divas do *jazz*, conforme observamos nas imagens a seguir.



Figura 5 – Adorno de cabeça feminino em Billie Holiday¹³



Figura 6 – Adornos usados atualmente¹⁴

¹¹ Disponível em: <<http://3.bp.blogspot.com>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

¹² Disponível em: <<http://bymk.s3.amazonaws.com>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

¹³ Disponível em: <<http://userserve-ak.last.fm>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

¹⁴ Disponível em: <<http://tatirodrigues.files.wordpress.com>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

Já os calçados dos anos 20 e que eram utilizados pelos cantores e cantoras de *jazz* possuíam as seguintes características: modelo boneca, bicos arredondados, fechamentos em botões, bicolores, laços e peles como ornamentos, os saltos eram grossos e baixos, exploravam-se o contraste entre as texturas e o brilho.

Segundo Braga (2004), os sapatos femininos tinham presilhas laterais com alcinhas que passavam por cima do peito do pé, geralmente de cores metalizadas, e o salto mais famoso era o carretel.

Nesse contexto, os pés tornam-se o foco da moda e o ritmo do *Charleston* influenciou diretamente os calçados, pois a dança exigia um calçado com boa estabilidade, sendo ele fechado e seu salto baixo (DORFLES, 1984).



Figura 7 – Sapato masculino dos anos 20¹⁵



Figura 8 – Sapato Melissa, releitura atual¹⁶

Como se pode verificar em alguns modelos atuais de sapatos, o que estava em voga nos anos 20 é encontrado em revistas e catálogos de moda, com o acréscimo de requinte e conforto para os pés.

Desse modo, o estilista Alexandre Herchcovitch criou uma releitura, para a marca Melissa, de um modelo tradicional usado na década de 20. Agora, com cores diversas e atuais e com a matéria-prima do plástico, proporcionou aos fashionistas a oportunidade de conforto e bem-estar.

Além das características das vestimentas, lembramos que as cores trazem significados interessantes para a época.

¹⁵ Disponível em: <www.bicodocorvo.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2010.

¹⁶ Disponível em: <www.desaboya.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2010.

As cores que eram mais usadas na década de 20 eram as neutras, como o preto, cinza, marrom e branco. No desenrolar da década, outras cores foram tomando lugar nas roupas, trazendo ao vestuário o azul, as listras e outros tecidos.

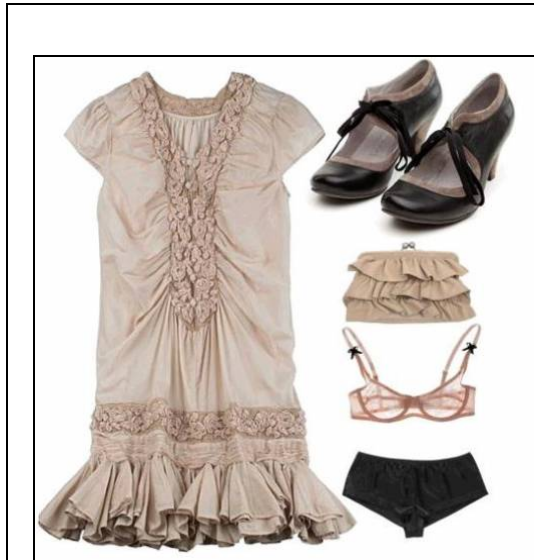


Figura 9 – Tonalidades neutras das roupas na década de 20¹⁷



Figura 10 – Tonalidades neutras na passarela inspiradas na década de 20¹⁸

Essas tonalidades neutras podem ser encontradas na moda atual, conforme podemos observar no desfile da coleção verão 2010 da marca Coven, que se inspirou na década de 20.

Em relação à cor preta, que, segundo Dorfler (1984), transpira seriedade, estabilidade, formalidade e autocontrole, sugerindo efeito de autoridade e domínio, observamos que ela é praticamente indispensável em qualquer guarda roupa, tornando-se uma peça-chave para todos os eventos, usado durante o dia e à noite.

Finalizando, percebe-se que a moda desse período ainda se faz presente nas passarelas e nas ruas, trazendo uma releitura do passado para a atualidade, a nostalgia dos anos 20 para a modernidade do século XXI.

¹⁷ Disponível em: <<http://imagens.portaisdamoda.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

¹⁸ Disponível em: <<http://mondomodaf.files.wordpress.com/2009/06/fashion-rio-verao-2010-coven1>>. Acesso em: 02 mai. 2010. Acesso em: 12 abr. 2010.

3 A INDUMENTÁRIA DO NA ATUALIDADE: A PESQUISA DE CAMPO E SEUS RESULTADOS

Nesta seção, será apresentada a pesquisa de campo realizada com músicos da banda *RM Jazz*, de Porto Alegre, no que refere às suas experiências musicais, como eles percebem esse estilo no contexto atual e as suas reflexões a respeito da sua indumentária artística.

Esse tipo de método reforça o caráter exploratório desta pesquisa, considerando que, segundo Prodanov e Freitas (2009), a entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado caracteriza um tipo de aspecto que envolve a pesquisa exploratória.

O objetivo principal das entrevistas era identificar e analisar a indumentária utilizada pelos músicos de *jazz* e suas ressignificações, entretanto, todos os músicos entrevistados começavam falando sobre o estilo musical, pois isso lhes fala mais alto. Em função dessas respostas, julgamos conveniente abordar, primeiramente, o que esses músicos pensam a respeito do *jazz* e se o que eles pensam está relacionado com o que foi colocado na parte inicial deste trabalho.

Como primeiro entrevistado, tem-se Izequias Lacerda, de 46 anos, ex-vocalista da banda Conexão Japeri (Ed Motta)¹⁹, também teve participação no programa da TV Globo chamado Malhação²⁰ e atualmente se dedica ao estilo *gospel*²¹.

Izequias, ao ser questionado sobre o estilo *Jazz* e sua influência na moda, introduziu sua fala contando um pouco sobre a história desse ritmo:

[...] Conforme se pode ver em filmes e livros, o *jazz* de raiz tem a mesma batida do trem, pois os negros trabalhavam em plantações à beira dos trilhos e, conforme o trem passava, eles cantavam com este ritmo. Se olharmos a levada do *Blues*, vemos que ela tem a passada do trem ao fundo. Os negros ouvindo isso criaram o *jazz*, um estilo forte com ritmo e batida. Se escutares, ao fundo é o trem passando, e este ritmo constante se transferiu para a música, que teve também a influência da Igreja (LACERDA, 2010).

A fala do entrevistado vem ao encontro do que Aguiar (2001) diz a respeito da criação do *jazz*, ou seja, que se deu por volta do século XX, tendo por base a música dos escravos, trazidos por eles da África para os Estados Unidos. A música era baseada em dois

¹⁹ Cantor Carioca de Soul, Funky e Pop Rock. Disponível em: <<http://edmotta.uol.com.br/pt/historia.php>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

²⁰ Programa da emissora de TV Globo, voltado para o público adolescente.

²¹ Música evangélica.

segmentos, a espiritual e a do campo, e ela era uma das suas formas de comunicação na época, incorporando em suas músicas o *gospel* e, mais tarde, o *blues*.

O segundo entrevistado foi o músico Odilon Reis, de 47 anos, com formação universitária, possui uma escola de música na cidade de São Leopoldo. Odilon também inicia sua fala citando o início do *jazz*:

[...] O *jazz* surgiu através do *blues*, que era uma cantoria triste. Os negros se comunicavam através do *blues* e dele surgiu um estilo mais sofisticado, com harmonias mais pesadas a nível de entendimento, e assim se espalhou por todo mundo. Tanto que assim tem o *blues jazz*, *blues rock*, várias derivações que vêm do *blues*, que são decentes. Pelo meu entendimento, o *jazz* veio do *blues*, quando os escravos eram enviados para trabalhar nas plantações e se comunicavam através das músicas (REIS, 2010).

A fala do músico vem ao encontro do que foi dito por Hobsbawm (2008), ou seja, que desde o início o *jazz* ditava liberdade, movimento e expressão individual e que houve o rompimento com as demais músicas, tornando-se um estilo improvisado e inovador, influenciado nas diversas culturas.

O terceiro entrevistado foi o pianista Eliezer dos Santos, de 23 anos, o qual, ao ser questionado sobre o ritmo, disse que nunca estudou a questão com muita profundidade, mas que sabia que o *jazz* “[...] surgiu nos bares de Nova Orleans, é um estilo de música americana, meio melancólico” (SANTOS, 2010).

Sua fala, entretanto, vem ao encontro do que diz Aguiar (2001), isto é, de que foi em Nova Orleans que o *jazz* se tornou conhecido, pois aquela cidade portuária povoada por brancos, afro-americanos, nativos americanos, asiáticos, islandeses do Pacífico, entre outros, mostrou-se como um grande cadinho étnico, tornando-se assim o berço do *jazz*.

O cantor Filipe Batista da Silva, de 23 anos, é um estudioso do *jazz*, dedica-se à música desde os dois anos de idade, tanto vocal quanto instrumental. Atualmente é um dos participantes do programa Ídolos, da Rede Record²² e, questionado sobre o início do *jazz*, ele diz:

[...] Nascido no Sul, o *blues* é derivado de uma forma de música Afro-Americana que reconheceu a dor do amor perdido e a injustiça e deram expressão à vitória da superação de um coração quebrantado. O *blues* evoluiu a partir de hinos, canções de trabalho, e gritos do campo - música utilizada para acompanhar o espiritual, de trabalho e funções sociais. *Blues* é a base do *jazz*, assim como a principal fonte de *rhythm and blues*, ‘rock n’ roll’ e da música *country*. Os *blues* ainda está evoluindo

²² Versão brasileira do programa americano *American Idols*, que é uma espécie de concurso que lança novos cantores no mercado.

e ainda é amplamente tocado hoje. New Orleans tinha uma grande tradição de celebração. Ópera, bandas militares, música folk, o *blues*, os diferentes tipos de música da igreja, *ragtime*, ecos de percussão tradicional Africano, e todos os estilos de dança que podiam ser ouvidos e vistos por toda a cidade. Quando todos esses tipos de música se misturaram, o *jazz* nasceu (SILVA, 2010).

Abordando sobre a atual aceitação do *jazz* e recebendo a devida importância, então o cantor Izequias Lacerda citou e ressaltou a respeito da música *Gospel*:

[...] O *jazz* é por vezes tido como uma música da noite, dita como profana, aqui no Brasil, pessoas associam a música com a levada rápida, dançante, como ruim, mas o ritmo agita e isso não tem nada a ver com profanação, pois é a atmosfera, o clima da música. No Brasil, a igreja evangélica tem muito preconceito com a música *gospel* agitada, diferente da Igreja americana, pois o ritmo lá é dançante. Por isso, nos Estados Unidos, a diferenciação entre *jazz*, *Blues* e música *Gospel* é bem definida e sabem a diferenciação entre os ritmos. No Brasil, querem colocar a música do mundo na Igreja e lá eles colocam a música da Igreja nas músicas como um todo, dada tamanha importância da formação musical tida nas igrejas (LACERDA, 2010).

Conforme descreve Aguiar (2001), uma das formas mais importantes de expressão da música afro-americana eram as manifestações religiosas, na maioria das vezes ouvidas por plateias brancas, o que hoje é conhecido como música *gospel* e se constitui como um reflexo da importante carga emocional e rítmica dessas manifestações primordiais.

O pianista Eliezer dos Santos descreve como acredita que seja visto o ritmo na atualidade:

[...] Esses dois estilos de música (*jazz* e *blues*) ainda são vistos como clássicos, músicas de ouvir em um bar com amigos, música de um ambiente agradável, o *jazz* é como se fosse a veia da música americana, esse estilo tem como característica os negros americanos (SANTOS, 2010).

A fala do músico vem ao encontro do que diz Berendt (1975) sobre a definição de Miles Davis do *jazz* como a música da lamentação de quinze milhões de pessoas negras falando de sua dor, e que nasceu como um código musical que procurava unir um povo dizimado, humilhado, explorado e, após a abolição, foi abandonado à sorte pelos antigos senhores brancos. Um povo que, apesar de tudo, precisava dançar, sorrir, relaxar, amar, experimentar e criar.

Já o músico Filipe Batista define como hoje são vistos os estilos musicais *Jazz* e *Blues*:

[...] Vemos que aos poucos a música moderna incorpora fragmentos do *jazz* em sua musicalidade e também no fator criatividade. Vamos dividir por faixa etária de idade, hoje a galera mais jovem [...] ainda olha para o *jazz* como coisa de velho, mas aceitam numa boa fragmentos da música moderna, como por exemplo o *soul*, *funky* (norte-americano), até mesmo no *hip hop* etc. Essas fragmentações musicais nos dizem que a grande maioria não anda escutando *bebop* batidas, ritmos, harmonia e escalas também. Há um crescente de admiradores do *jazz* porque músicos num geral frequentemente chegam à conclusão de que, para se evoluir mais, é preciso ter mais conhecimento, logo, começa a estudar o *jazz*, pois ele é uma ciência, há quem diga que o *jazz* é pura matemática. Então, o *jazz* e o *blues*, principalmente o *jazz* é visto por muitos como algo muito intelectual, entendido por poucos (SILVA, 2010).

Depois que os músicos falaram sobre as suas concepções e sobre a história do estilo musical, entramos na questão específica do vestuário.

Izequias Lacerda, a respeito disso, falou:

[...] O negro começou a ousar em cores e tecidos, na verdade o negro é diferente, não tem como mudar isso, não concordo quando as pessoas querem te pôr um padrão europeu, o negro da época, primeiramente tinha o preconceito racial danado para com os brancos, primeiramente aprenderam a se vestir como os brancos, com seus senhores, aí depois foram revolucionando, pois não queriam ser parecidos com os mesmos, com os filhos dos escravos. Os negros colocaram criatividade na sua forma de vestir. O negro é criativo, em qualquer lugar no mundo, tanto na roupa, no cabelo, tanto que os brancos também foram influenciados por vezes pela criatividade dos negros. Hoje em dia, os músicos de fazem uma releitura para se vestir como os antigos, nunca perdendo as características, como chapéu, blazer, mas misturando com a calça *jeans* e o tênis. As roupas vão se transformando com o passar dos anos e assim é na atualidade, um misto do atual com o antigo (LACERDA, 2010).

Hoje os músicos mesclam o retrô com o atual, como cita o músico Lacerda. Por vezes, percebemos que há um resgate do passado nas roupas atuais, como um chapéu com modelagem antiga e calça *jeans* com tênis, ou boina e chapéu usados com terno e sem gravata, como podemos ver na foto abaixo com os músicos entrevistados.

O cantor Odilon aborda uma questão relevante para os músicos, quando diz que o figurino do artista é muito importante para aceitação do público por completo, pois não só a música tem que agradar aos ouvidos, mas também a imagem tem que agradar aos olhos.

[...] Digamos que eu seja um excelente músico, de bom nível, mas se eu me apresentar mal vestido, como o público vai entender? O público te analisa por inteiro, é um conjunto, e indiscutivelmente pela roupa também [...] não adianta eu ser um grande músico e me vestir mal, pode ser a roupa mais exótica, mas eu tenho que estar de acordo com o tempo e espaço. A indumentária é fundamental para demonstrar o bom gosto e o profissionalismo do músico, por isso acredito que o músico deve se trajar com, no mínimo, um blazer e um sapato, pois a música merece isso, como faziam os antigos (REIS 2010).

Para o pianista Eliezer dos Santos, falar sobre a vestimenta foi uma oportunidade para conversarmos sobre moda, que é um assunto de que ele gosta muito. Conforme Eliezer:

[...] Sinceramente, antes eu me vestia muito mal, ia para os shows de qualquer forma, aí comecei a ver imagens, revistas, internet, e procurar estilos que me agradassem, e roupas que eu me sentisse confortável. Os músicos seguem o estilo clássico como a música, usando camisas, coletes, blazers é assim que procuro me vestir (SANTOS 2010).

Como é possível observar na imagem acima, o músico usa somente blazer com camisa, não usando gravata, para tornar o visual mais despojado. Os negros também possuem todo um cuidado com os cabelos, no sentido de que as tranças são muito usadas nos homens para tornar o visual moderno e sofisticado ao mesmo tempo.

Filipe Batista da Silva, perguntado sobre a indumentária utilizada por ele nos shows, diz:

[...] Eu penso que hoje temos uma mistura do velho com o novo, é claro e evidente que houve uma sincronicidade da evolução do *jazz* com suas indumentárias, diferentemente de algumas tradições, como a música gaúcha, que ainda permanece com sua inconfundível tradição de vestimenta. O *jazz* passou por uma longa metamorfose, dispensando o fato de que em algumas ocasiões ainda se usa aquela roupa tradicional, terno, gravata, chapéu e sapato duas cores, mas a metamorfose acompanhou a moda. Um exemplo disso seria calça *jeans* com tênis All star, camisa lisa e casaco de terno. Os acessórios por vezes usados nos trazem à lembrança o início do *jazz*, por exemplo, um chapéu, um colete ou até mesmo um sapato diferente. Não podemos esquecer que o *jazz* surgiu dos negros, e no entanto a criatividade é um fator indispensável. Os negros sempre foram muito criativos com cabelos, cores e detalhes chamativos. Logo a vestimenta de um *jazzista* hoje depende muito de sua própria criatividade (SILVA, 2010).

Esse músico, provavelmente por ter morado muito tempo nos Estados Unidos, possui um visual diferenciado, misturando acessórios esportivos com tradicionais, como podemos ver na imagem abaixo. Ele costuma usar um terno completo com uma camiseta e um boné, o que para muitos não combina, mas, com seu estilo musical e pessoal, torna-se harmônico.

Analisando as entrevistas com os cantores, observamos a sua paixão pela música, tanto que eles não conseguem falar apenas da indumentária sem discorrer sobre a história do *jazz* e suas derivações.

Conseguimos perceber que a roupa utilizada por eles nos shows está referenciada na história e nos antigos músicos de *jazz*, pois todos eles chamam a atenção da necessidade de se vestir de acordo e até com certa deferência ao “país” desse estilo musical.

Mesmo na atualidade, os músicos lembram que algumas peças são clássicas para a sua caracterização, como o blazer, o chapéu, a gravata e o sapato, peças que nos remetem aos músicos do início dos anos XX, mas também não deixam de usar peças mais atuais, como a calça *jeans*, o tênis de lona e a camiseta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, pode-se concluir que a hipótese inicial foi confirmada, ou seja, da mesma forma que o *jazz* e a moda dos anos 20 influenciam a moda atual, os músicos de *jazz* da banda pesquisada também sofrem essa influência. Concluímos isso, principalmente, através da pesquisa de campo realizada com a banda RM *Jazz* de Porto Alegre e acreditamos que podemos dizer que outras bandas de *jazz* do Estado e do país também sofrem essa influência.

A partir do momento em que se entende o conceito de moda numa perspectiva cultural, que traduz posições e interesses dos atores sociais, torna-se necessário analisar a indumentária dos músicos do *jazz* levando em consideração a sua história, as suas origens e influências, ou seja, temos que relacionar a roupa com as práticas sociais. Como afirma Nery (2003), a moda é o signo das formas de expressão que se mostram também em outros domínios.

Acredita-se, portanto, que, se a roupa é uma forma de comunicação para a plateia, temos que entender de onde vem sua identidade e história.

Finalizando, percebe-se a importância de realização desta pesquisa no sentido de possibilitar a percepção das relações entre moda e música. No mundo atual, onde a imagem é tudo, as bandas cada vez mais procuram formas estéticas de se diferenciar perante as demais, e os artistas estão sempre em busca de algo novo para apresentar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR. C.; BORGES, M. **As raízes do e Original Dixieland Band**. São Paulo: Spectrum, 2001.

BARNARD, M. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BERENDT, J. O: do Rag ao Rock. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BRAGA, J. **História da Moda**: uma narrativa. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

CALADO, C. **O como espetáculo**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

DORFLES, G. **A moda da moda**. Lisboa: Edições 70, 1988.

GILLER, M. **Curitiba e música popular**: a influência do na cultura local. Disponível em: <http://fapr.academia.edu/documents/0053/7309/_Curitibano__De_sconstruido_MAGiller_2009.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2010.

HOBSBAWM, E. **A história social do jazz**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LACERDA, I. **Izequias Lacerda**: depoimento [mai.2010]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro. Porto Alegre: 2010. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão do curso de Design de Moda e Tecnologia.

LAVIER, J. **A roupa e a moda**: uma história concisa. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEHNERT, G. **História da Moda do Século XX**. Colônia: Könemann, 2001.

LURIE, A. **A linguagem das roupas**. São Paulo: Rocco, 1997.

MIRANDA, A. P. **Consumo de Moda**: a relação pessoa objeto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

NERY, M. L. **A evolução da indumentária**: subsídios para criação de figurino. Rio de Janeiro: SENAC, 2003.

RAINHO, M. C. **A cidade e a moda**. Brasília: UNB, 2002.

REIS, O. **Odilon Reis:** depoimento [mai.2010]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro. Porto Alegre: 2010. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão do curso de Design de Moda e Tecnologia.

RODRIGUES, D. **Jazz e Multiculturalismo.** São Paulo: Sociedade & Culturas, 1999.

SANTOS, E. **Eliezer dos Santos:** depoimento [mai.2010]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro. Porto Alegre: 2010. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão do curso de Design de Moda e Tecnologia.

SILVA, F. B. **Filipe Batista dos Santos:** depoimento [mai.2010]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro. Porto Alegre: 2010. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão do curso de Design de Moda e Tecnologia.

TREPTOW, D. **Inventando Moda Planejamento de Coleção.** Brusque: D Treptow, 2003.